

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA PRAÇA PÚBLICA UM EXERCÍCIO DIALÓGICO E COMPLEXO NO SUDOESTE BAIANO

Iran Santos Silva¹
Gilvaneide Ferreira de Oliveira²

INTRODUÇÃO

As pesquisas em educação ambiental são frutos de muitas lutas e essas lutas são responsáveis por grandes marcos nesse campo de conhecimento. Após as muitas denúncias dos movimentos ambientalistas e várias reflexões relacionadas à relação ser humano-natureza na década de 60, as discussões sobre a temática ambiental alcançaram proporções políticas. Desta forma os estudos ambientais têm avançado em muitos aspectos e lutado contra a degradação ambiental, na construção da criticidade e visando uma relação responsável e harmônica entre a sociedade e a natureza.

Este estudo surgiu com o objetivo de pensar como a complexidade dialoga com a educação ambiental no cotidiano de uma praça pública. O projeto que deu origem a esse estudo foi a reorganização de uma praça pública conhecida como Praça da Amizade, a qual fica no município de Jequié, no sudoeste baiano. A forma como cada população ou indivíduo percebe e interage com o ambiente à sua volta é influenciada por diversos fatores, sociais, culturais, históricos e estruturais.

De acordo com Panquestor e Rigueti (2008), cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive, corroborando com essa narrativa, Palma (2005), diz que, para perceber algo é necessário ter interesse no objeto de percepção, e esse interesse se baseia no conhecimento, na ética e na postura individual. A ideia base deste estudo é ver como o ambiente percebido, no caso a praça reestruturada pelos moradores, dialoga com as premissas da complexidade, entendendo que a educação ambiental se caracteriza como um espaço de discussão aberto, no qual o conhecimento está em fluxo contínuo.

Entendo o espaço estudado como um ambiente passível de mudança e dotado de um dinamismo imensurável, essa pesquisa se debruça na missão de perceber os diálogos entre a

¹ Mestrando do Programa Pós-Graduação em Educação Cultura e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ/GEEADC. iranssilvabio@gmail.com;

² Professora Dra.^a da Universidade Federal Rural de Pernambuco – GEEADC/RENOEN/PPGECI/UFRPE, gilvaneide.oliveir@ufrpe.br;

experiência de reorganização da praça da Amizade e a complexidade, pois a interação das pessoas com esse espaço possibilita experiências e trocas contínuas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de um estudo de caso, de natureza exploratória e abordagem qualitativa. A área de estudo selecionada foi a Praça da Amizade, situada na Urbis I, Bairro Jequiezinho, Jequié, Bahia. Foram realizadas observação in loco, periodicamente, registros fotográficos da área de estudo, levantamento e identificação dos agentes responsáveis pela mobilização da comunidade no processo de recuperação da praça.

Realizaram-se também entrevistas semiestruturadas com as lideranças locais e entrevistas informais com pessoas que transitavam pela praça durante as observações in loco. As entrevistas abordaram pontos sobre o processo de organização da praça ao longo do tempo, com questões relativas à motivação, iniciativa, mobilização, objetivos e dificuldades encontradas durante o percurso de desenvolvimento do projeto. A análise do conteúdo coletado se deu a partir de categorização, conforme proposto por Bardin (1997) e buscando-se identificar os elementos ou diálogos com a complexidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

As praças fazem parte da dinâmica dos espaços urbanos, e as mesmas podem sinalizar como a gestão e população interagem com o espaço público. Para Martins *et al.* (2014), atualmente pode-se observar que as praças não apresentam mais o mesmo impacto social como em tempos passados, pois antigamente esses lugares eram o centro dos acontecimentos políticos, das festividades, de atos cívicos e sociais, além de importantes ambientes de lazer.

Sousa (2016), afirma que as praças são elementos importantes na constituição morfológica e para o equilíbrio das cidades. A forma como o poder público e a sociedade percebem esse espaço é fundamental para a sua manutenção e preservação. De acordo com Tuan (1980), a percepção é tanto uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Sendo assim, a percepção ambiental é ligada a forma como cada indivíduo percebe o meio que está inserido, o quanto conhece do mesmo, o que espera do seu meio, como o utiliza e sua ação cultural sobre esse meio (Cunha e Leite, 2009). A utilização de espaços verdes pode reaproximar e despertar a população para a

complexidade da natureza. De forma que o saber ambiental favorece a construção de uma cidadania socioambiental, por colocar em pauta o questionamento de nossas práticas, nossas atitudes e nossos valores (ALMEIDA *ET AL.*, 2004; SILVA; EL-HANI, 2014).

A complexidade compreende incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios, isto é, relaciona-se com a ideia de acaso (Morin, 2005). De acordo com Lukosevicius (2016), o prisma da complexidade traz importantes implicações, pois desafia o paradigma de um universo mecanicista, abrindo as portas para entender o mundo pelo viés dos sistemas complexos. Dessa forma o pensamento complexo, se opõe ao olhar mecanicista, disciplinar e rígido de pensar e construir conhecimento e convida a sociedade a pensar o mundo por uma lógica aberta, transdisciplinar, em constante movimento e diálogo de saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2014, um grupo de moradores, mobilizados através da liderança de duas moradoras, uma bióloga e uma pedagoga, começaram a reorganizar a Praça da Amizade. Segundo as líderes foram necessárias várias reuniões para organizar o projeto. Os moradores fizeram campanhas com o intuito de arrecadar fundos e mutirões para execução do projeto. De acordo com Cardoso e Souza (2020) a Praça da Amizade é um espaço transformado em um território lúdico e educativo. Esse espaço foi reorganizado utilizando-se garrafas pet's e pneus que foram utilizados para fazer canteiros e decoração, uma geladeira que virou uma biblioteca, cd's e canos de pvc, entre outros materiais.

A diversidade de concepções e perspectivas com relação a praça evidencia as diferentes visões a respeito da questão ambiental. Para alguns moradores esse espaço está ligado ao lazer, à recreação, ao cuidado com o ambiente ou se apresenta como um lugar terapêutico, pois a gestão e interação com a mesma permite aos habitantes no entorno da praça e visitantes, refletir, aprender e criar conexões, pois na praça são realizadas festividades, projetos com idosos ou atividades com as crianças.

Notou-se que palavras como, cuidado, proteção, gerência e relação de interdependência ser humano-Natureza são traços que prevaleceram nas falas da comunidade, evidenciando a existência de um vínculo afetivo-temporal e o sentimento de pertencimento em relação à praça. Destacam-se questões simbólicas e subjetivas, que são compreendidas por Tuan (1980) a partir do conceito de topofilia, que é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.

Quando questionados sobre a responsabilidade de manter, cuidar e gerir a praça 74,6% das pessoas que participaram do estudo responderam que “a responsabilidade deve ser compartilhada, tanto os moradores, quanto o poder público devem se empenhar”, tão noção corrobora com a ideia de governança ambiental defendido por Jacobi e Sinisgalli (2012), a qual ressalta que a gestão dos espaços públicos deve seguir um regime de colaboração entre sociedade civil e o poder público.

As diversas atribuições, conexões e interações estabelecidas na e com a praça, dialoga com as premissas da complexidade diante das falas dos e das participantes da pesquisa, principalmente as pessoas que moram no entorno da praça e que estiveram engajadas no processo de reorganização desse espaço ao falarem que a praça é um “espaço terapêutico”, “é um lugar de cura”, “é um laboratório aberto”, “é como o quintal de casa”, “é um espaço educativo e de lazer”, falas como essas levam a entender que apesar de ter surgido de um projeto de reorganização e voltado para a educação ambiental, a praça da Amizade extrapolou os limites da disciplinaridade e apresenta-se para a população como um sistema aberto e em constante transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de revitalização desenvolvida na Praça da Amizade, através do reaproveitamento de resíduos sólidos, chama atenção por sua densidade, capacidade de mobilização, envolvimento, participação social e continuidade ao longo do tempo. A ação caminha para uma década de existência, tornando-se objeto de estudos científicos, bem como, modelo para outras propostas na cidade. Mesmo diante da pouca atenção do poder público, a comunidade conseguiu manter o espaço minimamente adequado ao uso social.

As múltiplas atribuições relacionadas a praça se conectam com a teoria da complexidade de Morin, pois a mesma é um espaço orgânico de trocas e um sistema aberto às mais diversas possibilidades e embora tenha surgido de um projeto de educação ambiental, a mesma se desenvolveu para além da disciplinaridade, ganhando assim dinamismo dialógico e interativo que envolveu diferentes saberes. De forma geral, os moradores mais próximos a praça mostraram laços afetivos temporais mais fortes do que os moradores das adjacências. A pesquisa trouxe vários elementos como afetividade, pertencimento, noções incipientes de governança ambiental, empoderamento e protagonismo popular, de modo que, a de mobilização, envolvimento, participação social e continuidade ao longo do tempo.

Palavras-chave: Educação socioambiental; praças públicas, complexidade; diálogo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria em primeiro lugar de agradecer aos encantados, seres que me guiam e se fazem presentes no meu dia a dia, depois gostaria de agradecer a Cintia Soares, Lúcia Barreto e aos demais moradores da Urbis I que me receberam tão bem e foram anjos em minha vida. Agradeço a Valdirene Rocha minha e Hélio Filho, meus parceiros de pesquisa, inspiração, orientação e apoio. Agradeço à minha orientadora atual, a professora Gilvaneide Ferreira por todo o carinho e cuidado comigo e pelas trocas de conhecimento que são riquíssimas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. F. R.; BICUDO, L. R. H.; BORGES, G. L. A. **Educação ambiental em praça pública:** relato de experiência com oficinas pedagógicas. *Ciência & Educação (Bauru)* [online]. 2004, v. 10, n. 1, pp. 121-132. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-73132004000100009>>. Acesso em: 02 de jun. 2022

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, M.; SOUZA, A. L. S. **Praças públicas comunitárias na “Cidade Sol” - Jequié-BA:** territórios lúdicos de diálogos constantes entre educação e democracia. *Crítica Educativa*, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2020. <https://doi.org/10.22476/revcted.v6.id459>

CUNHA, A. S.; LEITE, E. B. **Percepção ambiental: implicações para a educação ambiental**. *Sinapse Ambiental*, p. 66-79, 2009. Disponível em: <http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145741.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

JACOBI, P. R.; SINISGALLI, P. A. A. **Governança ambiental e economia verde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 6, p. 1469-1478, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000600011>. Acesso em: 5 jun. 2022.

LUKOSEVICIUS, A. P.; MARCHISOTTI, G. G.; SOARES, C. A. P. **Panorama da complexidade: principais correntes, definições e constructos**. *Sistemas & Gestão*, v. 11, n. 4, p. 455-465, 2016.

MARTINS, G. A. F.; SILVA, J. G.; GOMES, G. O. **A função das praças públicas no meio ambiente urbano:** o caso da Praça Esportiva Belmar Fidalgo de Campo Grande-MS. *FIEP Bulletin On-Line*, v. 84, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução por Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina. 2005.

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. (Dissertação de mestrado).

PANQUESTOR, E. K.; RIGUETTI, N. K. **Percepção ambiental, descaso e conservação: uso da geoinformação no estudo de áreas verdes públicas em Carangola-MG**. 2008. Anais do IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, Brasília, 2008.

SILVA, S. N.; EL-HANI, C. N. **A abordagem do tema ambiente e a formação do cidadão socioambientalmente responsável**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 225-234, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4363>. Acesso em: 18 mai. 2022.

SOUSA, C. A. F.; ALMEIDA, S. V. N. C.; SILVEIRA, J. A. R. **Espaços livres públicos e proteção ambiental: um estudo de caso sobre as praças públicas da zona sul da Cidade de João Pessoa, PB**. Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes, v. 4, n. 9, p. 102-113, 2016. <https://doi.org/10.17271/23178604492016>. Acesso em: 22 mai. 2022.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.